

PUNKS NO CERRADO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS PRIMEIRAS INVESTIGAÇÕES SOBRE AS COLETIVIDADES PUNKS NO CENTRO-OESTE*

Tiago de Jesus Vieira**



Resumo: este artigo visa analisar os trabalhos acadêmicos que na primeira década do século XXI abordaram a “inserção” do *punk* na região Centro-Oeste, buscando apresentar elementos relativos à sua condição de emergência, inserção regional e peculiaridades nas cidades de Brasília, Cuiabá e Goiânia. Para tanto, valeu-se dos estudos de Hoana Costa Gonçalves (2006); Ana Paula de Sant’ana (2009); Juliana Mendes de Moraes (2009), por lançarem luz acerca do debate identitário *punk* no Brasil.

Palavras-chave: Punk. Centro-Oeste. Identidade.

PUNKS IN CERRADO: CONSIDERATIONS ABOUT THE FIRST INVESTIGATIONS ON PUNKS COLLECTIVES IN BRAZILIAN CENTRO-OESTE

Abstract: *this article aims to analyze the academic works that in the first decade of the 21st century addressed the “insertion” of punk in brazilian Centro-Oeste region, with the of presenting elements related to their emergence, regional insertion and peculiarities in the cities of Brasilia, Cuiabá and Goiânia. For that, it was used the studies of Hoana Costa Gonçalves (2006); Ana Paula de Sant’ana (2009); Juliana Mendes de Moraes (2009), for shedding light on the punk identitary debate in Brazil.*

Keywords: *Punk. Brazilian Centro-Oeste. Identity*

A EXPANSÃO DAS INVESTIGAÇÕES SOBRE O TEMA PUNK NO SÉCULO XXI

Na primeira década do século XXI, o Brasil passou por um conjunto de mudanças, destacando-se as esferas social e econômica (ANDERSON, 2011). Em meio a isso, também houve notável expansão do acesso ao ensino superior, que registrou crescimento global de 110% no total de matrículas realizadas, aumento este motivado, especialmente, pela expansão da rede

* Recebido em 10.05.2018. Aprovado em 18.07.2018.

** Doutor em História pela Universidade Federal de Mato Grosso Docente de História Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual de Goiás, Campus Iporá. *E-mail:* tiago.vieira@ueg.br



privada. Embora a rede federal também tenha registrado um crescimento da ordem de 85,9% na oferta de vagas (BARROS, 2015, p. 362-3).

Este quadro de expansão do ensino superior inevitavelmente também impulsionou a elevação na oferta de vagas em curso de pós-graduação, de ordem, *stricto sensu*, como revelou o estudo de Claudia Cirani, Milton Campanario, Heloisa Silva (2015, p. 170-5), que constatou que entre no período de 1999 a 2011, foi registrado um aumento de 71,5% na oferta de cursos de mestrado e 100,8% em doutorados. Este processo ocasionou um cenário de descentralização destes cursos que, anteriormente, estavam aglutinados, quase que hegemonicamente, na região Sudeste. Dessa maneira, nesse período se notou uma elevação de (441,7%) desses cursos na região Norte, (229,7%) no Centro-Oeste, (210,2%) no Nordeste e (154,1%) no Sul.

Este cenário de expansão da graduação e pós-graduação brasileira, conseqüentemente, ocasionou um salto quantitativo na produção de trabalhos monográficos. Nesse sentido, no que concerne a temática *punk*, esse novo panorama também proporcionou expressivo aumento no volume das investigações. Este fenômeno pode ser explicado, principalmente, por meio de dois fatores: 1) Processo de interiorização das universidades brasileiras, que passaram a ter uma distribuição mais efetiva no território nacional, conseqüentemente gerando elevação no número de investigações nas próprias regiões; 2) Adesão, por parte dos pesquisadores, de novas tendências de compreensão do social nas Ciências Humanas, destacando-se perspectivas que se desvincilhavam da necessidade de síntese fundamentada em modelos macroestruturantes, contribuindo, assim, para que temas como *punk* deixassem de ser compreendidos como irrelevantes.

A confluência destes fatores imprimiram verdadeira revolução quantitativa e qualitativa em investigações dispostas a analisar as particularidades de coletividades juvenis como o *punk*, que, por seu turno, registraram um crescimento de 488,88% (VIEIRA, 2017, p. 165) no período. Entre os estudos sobre o *punk*, destacaram-se as investigações pautadas em estabelecer uma revisão crítica acerca da história do *punk* no Brasil, bem como aquelas que direcionaram seu foco para inserção do *punk* em territórios, até então, não ou pouco analisados, como foi o caso das cidades localizadas na região Centro-Oeste.

A partir deste panorama, o presente artigo tem por finalidade apresentar as principais contribuições dispostas nos trabalhos acadêmicos, desenvolvidos na primeira década do século XXI, que abordaram a “inserção” do *punk* em localidades da região Centro-Oeste. Visando contemplar, especialmente, os aspectos relativos à emergência, diálogos com a conjuntura regional e as particularidades inerentes a utilização dos signos *punk* nestas cidades.

RELATOS SOBRE A EMERGÊNCIA DOS PUNKS NO CENTRO-OESTE

Conforme observação realizada por Silvio Essinger (1999) há relatos sobre a emergência de grupos alguns vinculados aos referenciais *punks* no Centro-Oeste, mais precisamente em Brasília, desde no final da década de 1970. Fato esse que inclusive permeou a discussão introdutória do documentário “Botinada: a origem do *punk* no Brasil” dirigido por Gastão Moreira (2006), em que se reflete se o *punk* haveria “surgido” no país, primeiramente, em Brasília ou São Paulo.

Entretanto, por mais que houvesse a utilização dos signos *punk* na cidade e na região, desde a década de 1970, passaram-se quase vinte anos até que os primeiros estudos começassem a tomar o *punk* na região como fonte de investigação. Assim, somente na primeira década do século XXI surgiram os primeiros estudos visando compreender a inserção dos referenciais coletivamente compartilhados pelos *punks* no Centro-Oeste brasileiro. Precursores, nesse sentido, destacam-se estudos envolvendo o *punk* nas cidades de Brasília, Cuiabá e Goiânia.

Nesse sentido, por mais que referenciais identitários relativos ao *punk* já estivessem sendo adotados em Brasília, desde o final da década de 1970, certamente desde 1977, por alguns jovens de classe média. No trabalho de conclusão de curso intitulado “Dominação e Transgressão: A relação da violência do movimento *punk* com a inconformidade com a ditadura militar no Brasil nos anos de 1980 a 1985: Uma leitura do movimento *punk* inglês em Brasília”, Hoana Costa Gonçalves (2006) optou por tomar como ponto de partida, de sua investigação, acerca da emergência e constituição dos grupos *punk* no Distrito Federal, o momento em que os grupos *punks* se encontravam mais identificáveis e com foco melhor definido, com atenção especial para o prisma da desobediência civil, justificando,



desta maneira, o recorte 1980 – 1985, pois, na ótica da autora, enquanto houve ditadura, o *punk* local irradiava tal disposição.

Destarte, partindo de uma investigação pautada na realização de entrevistas com sujeitos que foram ativos no meio *punk*, naquele contexto, em concomitância com a análise do discurso das letras de música, a pesquisadora conseguiu captar a existência de dois modos distintos de identificação com *punk* na região, estes, por sua vez, relativos ao modo como se representava “ser” *punk*. Desta feita, existia uma postura identitária própria dos *punks* que moravam no plano piloto e outra concernente ao entorno, região mais periférica do Distrito Federal.

Assim, os *punks* do plano piloto (região central de Brasília) foram aqueles que surgiram ainda no final da década de 1970, em virtude de terem tido contato facilitado a referenciais musicais relativos ao *punk* inglês, à medida que muitos destes eram filhos de diplomatas, o que facilitava este contato. Em contrapartida, no início da década 1980 emergiu outro grupo *punk* na grande Brasília, desta vez constituído por jovens moradores de regiões periféricas, como Gama e Taguatinga. Em função de seu caráter periférico estes novos grupos *punks* adquiriram maior identificação com os referenciais *punks* que circulavam em São Paulo, pois esses, conforme exposto pela pesquisadora, “cantavam sobre problemas sociais e políticos” (GONÇALVES, 2006, p. 27).

Já em Cuiabá, a pesquisadora Ana Paula de Sant’ana (2009), em sua dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, intitulada “*Punk* Labirintos do Corpo: Movimento *Punk* em Cuiabá”, que contou com a análise de diversos materiais produzidos pelos *punks* locais, como *fanzines*, vídeos em VHS, folders, panfletos de festas e músicas, identificou que o *punk* na capital de Mato Grosso, apresentou três gerações “a saber: década de 80, período inicial – surgimento do *punk* em Cuiabá; década de 90 – o surgimento dos anarcopunks e das bandas politizadas” (SANT’ANA, 2009, p. 03), tal recorte, por sua vez, remete as rupturas que existiram no período.

Dessa maneira, esta autora pontuou que o *punk* provavelmente chegou a Cuiabá por meio de troca de cartas, *fanzines* e fitas com músicas, que vieram de diversos lugares do Brasil. Assim, o *punk* na cidade havia se firmado a partir de diversas influências, ao passo que somente a partir da década de 1990, teve início as ações mais politizadas (SANT’ANA, 2009, p. 33). No entanto, a pesquisadora ressalva que embora fosse possível identificar estas fissuras geracionais, no tocante ao modo de lidar com a identidade *punk*, através dos tempos, o “espírito” contestador haveria se mantido presente em todas estas etapas do *punk* em Cuiabá (SANT’ANA, 2009, p. 37).

Ao passo que em Goiânia, conforme dispõe o artigo “Territórios e Territorialidades *Punks* em Goiânia: Resistência de uma cultura juvenil” da pesquisadora Juliana Mendes de Moraes, publicado em Julho de 2009, na Revista Eletrônica de Geografia *Observatorium*, o *punk* haveria emergido na cidade em 1987, na perspectiva da autora, como uma consequência do acidente radioativo com o Césio 137. Pois, esse acontecimento contribuíra para o surgimento de “uma das primeiras bandas de *punk/ hardcore* da cidade, a banda HC-137 (Horrores do Césio – 137)”. Como efeito disso, foi exposta a letra da música Horrores do Césio – 137:

Corpos mutilados/ Saúde afetada/ Sua pele está marcada/ Isso são apenas sequelas deixadas/ Que o tempo não curou (2x)/ O horror da vítima não é só a contaminação/ Também são os espoliados pela discriminação/ Que o tempo não curou (2x)/ Eles sempre guardarão péssimas lembranças/ Dos horrores do Césio-137 (MORAIS, 2009, p. 10).

Seguindo a perspectiva da autora, tornou-se possível inferir que ao mesmo tempo em que o *punk* emergiu em Goiânia, por meio da formação das primeiras bandas, também se fez visível socialmente, à medida que os membros da banda HC-137 passaram a atuar em conjunto às vítimas das vítimas do acidente radioativo, “promovendo passeatas, fabricando camisetas e compondo músicas” (MORAIS, 2009, p. 10).

PECULIARIDADES E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DO *PUNK* NA REGIÃO

As investigações, aqui examinadas, elucidam a constituição do *punk* na região a partir de condições de emergência peculiares que, aparentemente, não possuíram diálogo entre si. De modo que,



em linhas gerais, estas particularidades se tornam mais perceptível a partir do momento em que as investigadoras se propuseram a analisar a trajetória dos grupos investigados em contraste com o seu lugar de inserção. Dessa maneira, permitiu-se desvelar a reinvenção dos postulados *punks* a luz dos dilemas regionais.

Nesse sentido, Hoana Gonçalves evidenciou que, na grande Brasília, diferentemente do que acontecia com as bandas de São Paulo na época, “as primeiras bandas de Brasília como *Aborto Elétrico* e *Plebe Rude*, que eram da área nobre da cidade e se encontravam num local conhecido como Colina” (2006, p. 29), pouco se atentavam, em suas letras de música, para as questões de cunho social e político. Para esta pesquisadora isto ocorria como “um reflexo quase natural de uma cidade como Brasília, que foi construída com o intento de afastar do centro, as pessoas da dita camada inferior da sociedade” (2006, p. 29). Bem como em consequência, como já pontuado anteriormente, do *punk* ter chegado a capital nacional por meio de jovens da classe média alta, que incorporaram referenciais musicais e estéticos do *punk* inglês, ao passo que somente quando chegou à periferia ganhara outros contornos, pois ali se constituiu numa forma de ideologia, pautada principalmente pelo prisma da desobediência civil em tempos de ditadura militar.

Ademais, a pesquisadora percebeu que essa distinção nos modos de identificação com o *punk* se manifestava, inclusive, nas letras das músicas das bandas periféricas, como no caso da música Bloco K, do grupo Detrito Federal.

Você fica em casa na janela do seu apartamento, passeando os olhos pelo concreto frio / Você acha bonito não ter o que fazer enquanto seus amigos pulam desse avião / Você fica em casa esperando alguma carta para mudar aquela situação enquanto seus amigos ficam bêbados / Fazem grupos de *rock and roll* morrendo de solidão, morrendo de solidão / Você fica em casa na janela do seu apartamento, passeando os olhos pelo concreto frio (GONÇALVES, 2006, p. 31).

Como disposto, a música faz uma crítica direta aqueles que se identificam enquanto *punks* e ficavam distantes do que efetivamente se passava para além das janelas de seus apartamentos. Tal trecho claramente expõe a disputa identitária envolvendo os referenciais de *punk* no planalto central.

Esta dinâmica fortemente caracterizada pela desobediência civil, também foi um dos elementos constituintes das articulações dos *punks* em Cuiabá. Nesse sentido, em sua investigação, Ana Paula de Sant’ana mencionou que um dos momentos mais marcantes da trajetória do *punk* na capital mato-grossense fora a ocupação de um prédio público no ano de 1991, que na ocasião foi convertido em *squat*¹, esse, por sua vez, significou “teto para aqueles que não possuíam moradia, mas funcionou também como ponto de encontro para debates e planejamentos e centro cultural” (SANT’ANA, 2009, p. 36). De acordo com a pesquisadora, a transformação do prédio em *squat* pelos *punks* cuiabanos foi algo que chocou os setores mais conservadores da sociedade local, que visualizam que o espaço era usado exclusivamente para a prática da prostituição e uso de drogas ilícitas.

Além desse acontecimento foi pontuado que ao longo da trajetória das articulações do *punk* em Cuiabá, duas outras ocorrências tiveram significativo impacto na sociedade mato-grossense. A primeira diz respeito à apresentação de uma banda *punk* num evento patrocinado pelo governo do Estado, destinado à exposição de manifestações da cultura tradicional mato-grossense, dividindo, dessa maneira, o espaço como grupos de danças típicas locais como, siriri e cururu. E a outra e mais impactante foi o acontecimento da “tortada de soja” dada no então “governador Blairo Maggi, conhecido como o ‘rei da soja’, gerando indignação nos meios de comunicação” (SANT’ANA, 2009, p. 39). Ademais, também tiveram impacto, nas páginas dos jornais locais, outros dois incidentes, como destacou a autora:

Em 1997, a banda Garotos Podres toca no Buffet Itália, em Cuiabá. Dois rapazes estão atirando em balões de divulgação com arma de fogo. Um dos disparos alvejou um rapaz, que faleceu. Pouco tempo antes desse incidente, morre Ceará, frequentador do circuito em que se reuniam os roqueiros, *punks* e metaleiros, no bar da sede do Coletivo Libertário, com um tiro na cabeça (SANT’ANA, 2009, p. 39).



Tais ocorridos, por seu turno, acabaram, de certa maneira, limitando o espaço de atuação dos *punks* na cidade, que, cada vez mais, centralizaram suas articulações na Universidade Federal de Mato Grosso, espaço que assumiu função de “coração pulsante” das articulações, e que, por seu turno, também contribuíram para que o *punk* na cidade passasse a se misturar com outros coletivos locais (SANT’ANA, 2009, p. 39).

Trajetória que se assemelha a apresentada por Juliana Morais, acerca dos *punks* em Goiânia, pois na cidade que ostentava rótulo de cidade country, o contato inicial que muitas pessoas tinham com os *punks* gerava estranheza, o que, por sua vez, interferia diretamente na territorialidade dos *punks* na cidade, à medida que estes eram geralmente representados como “invasores”. Como foi destacado em relação à utilização de um espaço na região do “Bosque dos Buritis, no Setor Oeste, em frente ao Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, bairro nobre da cidade”, onde os *punks* em decorrência de atritos com os moradores aos poucos foram deixando de ocupar o território, recorrendo “a Praça Universitária e os Diretórios Centrais de Estudantes (DCE’s) das Universidades Federal e Católica” (MORAIS, 2009, p. 11).

AS DISPUTAS IDENTITÁRIAS NA REGIÃO

Nestas investigações mesmo que por perspectivas distintas desvelam uma constante interação com o regional, que ao longo das décadas explicitam as peculiaridades da adesão aos referenciais coletivamente compartilhados pelos *punks* no Centro-Oeste, dispondo de extremamente proficuidade em dispor elementos que permitem (re)pensar a História do *punk* no Brasil.

Como efeito disso, ao pensar as reflexões e fontes trazidas por Hoana Gonçalves, a partir de um viés historiográfico, claramente se evidencia uma quebra de paradigma no tocante a História do *punk* no Distrito Federal. Pois, ao longo de sua narrativa a pesquisadora procurou contrapor a crença que o *punk* na região de Brasília era constituído apenas por jovens de classe média alta, evidenciando, ao contrário, que existiam outros sujeitos que se identificavam como *punks*, e compartilhavam de outros referenciais, que inclusive negavam a vinculação daqueles que supostamente haviam levado o *punk* para a região. Uma vez que, para os *punks* que passaram a surgir, em especial, a partir do início da década de 1980, na periferia do Distrito Federal, compreendiam que o *punk* deveria estar vinculado a uma postura de classe popular, tal qual como ocorria na região metropolitana de São Paulo.

Reinvidicação também constatada na pesquisa Ana Paula de Sant’ana, que também percebe a fissura, ainda que em escala menor, dos *punks* em função de sua origem social. Em especial, a partir do final da década de 1990, quando os *punks* em Cuiabá, como já exposto, passam a estabelecer uma dinâmica mais restritiva de atuação. Assim, os *punks* locais também se restringiram a jovens, em especial de classe média, residentes em bairros como o Centro e Boa Esperança. Em contraste, a pesquisadora também notou que tal panorama, por vezes, era questionado outros sujeitos que se inseriam nesse meio, ressaltando a fala do *punk* Babu “por que só eu tenho que ir pro CPA, por que só eu não tenho dinheiro? Todos são burgueses, todos os *punks* de Cuiabá dos anos 90 eram burgueses” (SANT’ANA, 2009, p. 70).

Neste trecho é possível notar a exposição, ainda que particularizada, de uma disputa identitária, na qual o entrevistado questiona seu pertencimento coletivo, à medida que não dispõe das mesmas condições financeiras dos *punks* locais. Ademais, as fissuras identitárias também se desenvolveram entre os *punks* de Cuiabá e da cidade vizinha de Várzea Grande, à medida que dispõe que “a linguagem entre os *punks* de Cuiabá e Várzea Grande, que não se uniram apesar de serem divididos apenas por uma ponte” (SANT’ANA, 2009, p. 76). Embora ao longo da narrativa não seja exposto os fatores dessa separação entre os *punks* das duas cidades, as postulações ao longo do texto também permitem conjecturar que os fatores socioeconômicos também foram determinantes.

Essas disputas identitárias que, de maneira ou outra, caracterizaram a inserção do *punk* nas cidades de Brasília e Cuiabá, aparentemente não se manifestaram em Goiânia, ou não foram mencionadas por Juliana Morais, pois ao mapear os territórios de inserção dos *punks* na cidade, entre 1988 e 2007, evidenciou que estes se encontravam concentrados, especialmente, no Setor Central ou em suas imediações, destacando que a seleção desses espaços mais centralizados, dava-se em função da facilidade de acesso (MORAIS, 2009, p. 11 - 2).



CONSIDERAÇÕES

Cabe ainda destacar que estas primeiras investigações que tiveram como foco compreender a inserção do *punk* em localidades da região Centro-Oeste, embora não se configurem como densos empreendimentos analíticos, nem se constituam como análises inovadoras, no tocante a buscar compreender o *punk* a partir de sua inserção local/regional², merecem efetivo destaque à medida que conseguiram ter êxito em problematizar estes grupos a partir dos indícios por eles fornecidos, sem dispor de uma preocupação em ajusta-los a qualquer modelo identitário pré-definido.

Assim as pesquisas, aqui apresentadas, configuram-se, acima de tudo, como investigações que revelam como os referenciais coletivamente compreendidos como identitários do que vem a “ser” *punk* foram tensionados e reinterpretados a partir das peculiaridades dispostas nas configurações sociais destas cidades do Centro-Oeste. Por fim, contribuindo para um entendimento menos essencialista da História do *punk* no Brasil.

Notas

- 1 O termo *squat*, de origem inglesa, tem sua emergência no processo histórico de ocupação de terras pelos camponeses, naquele país, a partir do século XVII. Por outro lado, no final do século XX, tal termo também passou a ser utilizado para simbolizar as ações dos movimentos de ocupação de prédios públicos que surgiram no lado oriental da cidade de Berlim, após a queda do muro, constituindo-se, dessa maneira, como um fenômeno de contra investida ao capitalismo.
- 2 As primeiras investigações acerca do *punk* no Brasil, produzidas nas décadas de 1980 e 1990, recorrentemente dispunham de vocação. Entretanto, neste período as pesquisas se limitavam exclusivamente ao eixo Rio-São Paulo, destacando-se os trabalhos: BIVAR, Antônio. *O que é Punk*. São Paulo: Brasiliense, 1982; CAIAFA, Janice. *Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985; ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano*. São Paulo: Página Aberta, 1994; COSTA, Márcia Regina da. *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. Petrópolis: Vozes, 1993; KEMP, Kenia. *Grupos de Estilo Jovens: o “Rock Underground” e as práticas (contra) culturais dos grupos “punks” e “trashes” em São Paulo*. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993; SOUSA, Rafael Lopes de. *Punk: cultura subversiva e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade subversiva – São Paulo 1983/1996*. 1997. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1997.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano*. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- ANDERSON, Perry. O Brasil de Lula. *Revista Novos Estudos*, n. 91, p. 23-52, nov. 2011.
- BARROS, Aparecida da Silva Xavier. Expansão da educação superior no Brasil: limites e possibilidades. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 36, n. 131, p. 361-390, abr./jun. 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BIVAR, Antônio. *O que é Punk*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BOTINADA: a origem do *punk* no Brasil. Direção: Gastão Moreira. São Paulo: ST2 vídeo, 2006 (110 min), som, color.
- CAIAFA, Janice. *Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- CIRANI, Claudia Brito Silva; CAMPANARIO, Milton de Abreu; SILVA, Heloisa Helena Marques da. A evolução do ensino do pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposição para pesquisa. *Avaliação*. Campinas; Sorocaba, v. 20, n. 1, p. 163-187, mar. 2015.



- COSTA, Márcia Regina da. *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- ESSINGER, Silvio. *Punk, a anarquia planetária e a cena brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- GONÇALVES, Hoana Costa. *Dominação e Transgressão: A relação da violência do movimento punk com a inconformidade com a ditadura militar no Brasil nos anos de 1980 a 1985 – Uma leitura do movimento punk inglês em Brasília*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília/DF, 2006;
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A; 1997.
- KEMP, Kenia. *Grupos de Estilo Jovens: o “Rock Underground” e as práticas (contra) culturais dos grupos “punks” e “trashs” em São Paulo*. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- MORAIS, Juliana Mendes. Territórios e Territorialidades *Punks* em Goiânia: Resistência de uma Cultura Juvenil. *Observatorium*, v. 1, p. 2-19, 2009.
- SANT’ANA, Ana Paula de. *Punk Labirintos do Corpo: Movimento Punk em Cuiabá*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.
- SOUSA, Rafael Lopes de. *Punk: cultura subversiva e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade subversiva – São Paulo 1983/1996*. 1997. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1997.
- VIEIRA, Tiago de Jesus. *O futuro do “sem futuro”: uma análise da escrita sobre o punk no Brasil e suas construções identitárias (1982 – 2010)*. 2017. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2017.

